



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – 2020

A ONTOLOGIA DOS INDISCERNÍVEIS E A NOMEAÇÃO NO *TRACTATUS* DE WITTGENSTEIN

Juan Erle Cunha de Oliveira¹; Wagner Teles de Oliveira²

1. Bolsista FAPESB/PIBIC, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: juan.erle@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: woteles@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Wittgenstein; nomeação; ontologia.

INTRODUÇÃO

No tocante ao *Tractatus*, a doutrina essencialista aí presente consiste basicamente na idéia de que a linguagem representa o mundo ao ter com ele uma mesma natureza formal. O impacto disso na noção de proposição é compreendê-la como um tipo de enunciado que ordena logicamente as suas partes (3.141), seguindo o mesmo andamento lógico do estado de coisas possível. Sendo “o mundo a totalidade dos fatos” (1.1), então já estão dadas de uma vez só todas as condições precípua para que a linguagem seja instituída, e com isso a formulação de qualquer proposição possível, basta apenas que cada objeto que compõe o fato seja associado a um nome. O nome faz o entrelaçamento entre linguagem e os pontos mais externos da realidade (2.1512; 2.173) – os objetos -, tornando a figuração realizável. Todavia, para Wittgenstein um nome não desempenha a função de nome sem que esteja dentro da proposição como elemento em efetiva articulação com outro(s) nome(s) (3.3) – “Nomes são fragmentos realmente inseparáveis de símbolos proposicionais.” (SANTOS, 2017, p. 67). Essa condição *a priori* caracterizadora da doutrina essencialista leva a uma concepção representacionista de nome, o qual serviria para representar em linha direta os objetos, isto é, sem a necessidade de gesticulação, petição de princípio, questão de gosto ou até noção de *jogo de linguagem*, presente no segundo Wittgenstein etc. Nesse âmbito, a lógica cuida de si mesma e de todo o resto.

O nosso ponto de inflexão é quando o *Tractatus* sugere que a “existência” de objetos indiscerníveis está condicionada ao fato de que eles possuem a mesma forma lógica (2.0233). Que objetos sejam logicamente indiscerníveis conduz, portanto, à premissa de que todos eles então possuem as mesmas possibilidades combinação com objetos em estados de coisas. Desse modo, além da dificuldade em “selecionar” corretamente, por assim dizer, um objeto, que é por sua vez indistinguível de outro, o nó se acentua na medida em que é possível que a ligação de um nome a um objeto qualquer A, por exemplo, resulte em uma proposição cuja estrutura lógica é semelhante à proposição que articule o objeto B, pois os dois possuem a mesma forma. Wittgenstein diz no *Tractatus* que a figuração do mundo só é possível porque os objetos constituem a substância do mundo (2.021; 2.0211). Não obstante, o estatuto da nomeação como

operação indispensável a partir da qual figuração aposta à realidade (2.1512) ao tocar os pontos mais externos do mundo (o objeto) precisa lidar com a indiscernibilidade de seus objetos.

Assim posto, a pesquisa procura entender a importância para a concepção de linguagem em Wittgenstein assumir que os objetos são indiscerníveis. Por conseguinte, é preciso abordar a nomeação, um dos pontos cardiais da obra, tendo os indiscerníveis como *background*, isto é, como os objetos, indiferenciáveis uns dos do outro, são nomeados, posto que a nomeação é vinculação de um nome a um objeto específico.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A fonte primária da pesquisa é o *Tractatus Logico-Philosophicus*, de Ludwig Wittgenstein, traduzido por Luiz Henrique Lopes dos Santos e publicado pela EDUSP. A qualidade da tradução utilizada por nós se fundamenta na minuciosa consulta das fontes primárias empreendida pelo estudioso e tradutor, sobretudo as correspondências trocadas entre Wittgenstein e C. K. Ogden. Ademais, o estudo crítico que precede a tradução da obra se tornou um clássico da bibliografia secundária em português, razão pela qual é um segundo testemunho da qualidade da fonte primária por nós eleita.

Assim, a investigação em torno da obra foi conduzida segundo método que respeitasse o peso lógico na leitura e interpretação dos aforismos. O *Tractatus* está organizado por decimais de modo fique evidente ao leitor que uma proposição, quando for o caso, é explicada por uma que lhe é subsequente (exemplo: 1.11 explica a proposição 1.1, que explica a 1). Esse método serviu-nos para entender a circularidade dos aforismos no *Tractatus* que tratam dos indiscerníveis, sobretudo porque era necessário entender o lugar dos aforismos 2.233 e 2.02331.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A pesquisa nos levou a dois pontos fundamentais acerca da ontologia no *Tractatus*: em primeiro lugar, ao assumir a ontologia dos indiscerníveis, Wittgenstein se compromete com o projeto isomorfista da linguagem e na ideia de que análise da proposição chega a um ponto em que ela termina: o nome. Se Wittgenstein pouco se preocupou em dar exemplo de objetos simples (WITTGENSTEIN, 1914-1916, p. 60) é porque estes não são determináveis a partir de particularidades que lhes são inerentes, caso contrário seriam então passíveis de figuração e assim a verdade ou falsidade de uma proposição seria então dependente da verdade ou falsidade de outra proposição, e não da sua imediata comparação com o mundo. A propriedade interna do objeto é senão a sua possibilidade de ligação com outros objetos (2.01231). A assunção dos indiscerníveis aparece de modo discreto em dois aforismos da obra (2.0233; 2.02331) e deixada de lado. Todavia, e esse é o segundo ponto fundamental, ela não é uma afirmação trivial, mas importante porque se conecta de modo direto com a obra em virtude de suas consequências. Está na circularidade da distinção entre propriedade interna, a forma lógica, e propriedade externa dos objetos. O resultado é uma linguagem essencialmente lógica, nada mais além nem aquém disso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Por fim, que papel cumpriria a nomeação nesse íterim? Diferenciar aquilo que é indiferenciável a partir da figuração de propriedades externas. Os objetos são indiscerníveis do ponto de vista de sua propriedade interna, mas participam de concatenações com outros objetos que são distinguíveis. Na medida em que não existe nome, para Wittgenstein, fora da proposição, mas dentro do seu contexto, na articulação lógica entre nomes que reproduzem, ponto a ponto, a articulação lógica entre os seus objetos nos estados de coisas, a nomeação é uma ligação direta com o objeto, que está em ligação com outros objetos, e não isolado. Isoladamente os objetos são indiscerníveis, e assim permanecem. Os objetos simples não “existem”, são transcendentais, inefáveis, um silêncio que é condição indispensável para que a linguagem seja possível.

REFERÊNCIAS

- BAKER, G. P. **Wittgenstein's Method: Neglected Aspects**. Oxford: Blackwell, 2004.
- CUTER, João Vergílio Gallerani. “p’ diz p”. *Cadernos Wittgenstein*, nº 1, p. 57-68, 2000.
- CUTER, João Vergílio Gallerani. Subjetividade empírica e transcendental no *Tractatus* de Wittgenstein. **Revista PHILÓSOPHOS**. Goiânia, v. 8, n. 1, jun. 2003.
- CUTER, João Vergílio Gallerani. Por que o *Tractatus* necessita de um sujeito transcendental? **DoisPontos**. Curitiba, v.3, n.1, abr. 2006.
- CUTER, João Vergílio Gallerani. Três tipos de necessidade lógica. **Cad. Hist. Fil. Ci.**, Campinas, Série 3, v. 18, n. 1, p. 197-210, jan.-jun. 2008.
- CUTER, João Vergílio Gallerani. Como negar um nome. **Revista PHILÓSOPHOS**. Goiânia, v.14, n. 2, p. 33-62, JUL./DEZ. 2009
- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GRIFFIN, JAMES. **O Atomismo Lógico de Wittgenstein**. Trad. Marina Ramos Themudo e Vítor Moura. Portugal: Porto Editora, 1998.
- HACKER, P.M.S. **Insight and Illusion: Wittgenstein on Philosophy and the Metaphysics of Experience**. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- HINTIKKA, J. **Uma investigação sobre Wittgenstein**. Campinas: Papirus, 1994.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MONK, Ray. **Wittgenstein: o dever do gênio**. Trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MORENO, Arley R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem: ensaio introdutório**. São Paulo: Moderna, 2000.
- PEARS, David. **As idéias de Wittgenstein**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1971.
- PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein**. São Paulo: edições Loyola (coleção Filosofia), 1998.
- SALLES, João Carlos. Filosofia e terapia em Wittgenstein. **Analítica**. São Paulo v. 9, n. 2005.

SALLES, João Carlos. **O Retrato do Vermelho e outros ensaios**. Salvador: Quarteto, 2016.

SALLES, João Carlos. “Algumas Considerações sobre Deus e Suas Circunstâncias”. In: **O Retrato do Vermelho e Outros Ensaios**. Salvador: Quarteto, 2016a p. 105-120.

SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. “A Essência da Proposição e a Essência do Mundo”. In: **Tractatus Logico-Philosophicus**, Edusp, São Paulo, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Notebooks 1914-1916**. Edited by G.H. von Wright e G.E.M. Anscombe. Translation by G.E.M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1984.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994.